

Sob o signo de Saturno

Durante as Saturnálias, festas de origem pagã (Saturno está ligado à agricultura) celebradas na Roma antiga no final de dezembro – título do livro de estreia de Ana Tereza Salek – ensaiava-se a possibilidade de uma inversão social, e os escravos davam ordens aos seus senhores. A sociedade era lembrada que a ordem do mundo não é permanente, mas circunstancial, e o que está embaixo um dia pode subir. No mundo dos homens, tudo pode, sempre, lenta ou de repente, mudar. Na astrologia, Saturno, que rege o signo de Capricórnio, é o senhor do tempo, dos processos psíquicos – frequentemente experimentados com perda de referências e intenso sofrimento –, das transformações profundas, da perplexidade diante da decadência e da morte. Tais angústias são recorrentemente trabalhadas pela poeta em versos contundentes:

A velha: que ali se lava, que ali se curva;
Pende pendura as toalhas. Balanço seco
do cabelo na água, muito tempo passado
da menopausa. Delira na face, num reflexo
barrento, o saudosismo estéril da fralda
menstruada.

Logo de cara, no belíssimo poema “Cidade ou a infertilidade dos solos”, Ana Tereza Salek, num tempo em que a alegria se tornou uma imposição e uma superficialidade objetiva dita a forma e o conteúdo de tudo e de todos, corajosamente coloca o seu desconforto. Desconforto existencial com o próprio corpo (“qual é ter duas colunas”), com a cidade, com a sociedade (“de manhã na/ praia eles combinam/ o que farão a noite de/ noite, na festa eles/ combinam de ir à/ praia amanhã”), com a

linguagem (“Linguagem/ é quase:/ não consegue/ traduzir/ a passagem”). Percebendo a realidade à sua volta como um grande cemitério, submersa nas águas escuras de suas próprias faltas de referências, mas sedenta por uma vida *real* e uma palavra *efetiva*, a poeta coloca-se (“à francesa”) como um lobo faminto:

Sento à esquerda da mesa
À direita senta-se Teresa
E ao centro o “cara imunda”.

As outras pessoas dispõem seus corpos
No restante das cadeiras
Comem da comida, bebem do vinho
Todas as caras são pálidas,
Todas como caveiras.

Pela esquerda não posso
Esticar o braço para apoiar
O copo que o braço de Juquinha da Silva
Está ali atrapalhando.

Posso espancá-lo, até que desista
De atravancar minha passagem.

Sou covarde, nada faço;
Peço licença e passo com delicadeza.

Por dentro vivo como um lobo faminto.

Como classificar estes poemas? Onde situar *Dezembro* em uma topografia da poesia contemporânea brasileira? Em seu texto “Cinco mais cinco mais cinco e tudo mudou na poesia brasileira”, que serve como

introdução à antologia *Inquietação-Guia* (Azougue, 2009), Ítalo Moriconi aponta para a necessidade de se repensar e expandir o leque da crítica literária brasileira – em relação à poesia contemporânea – para além do “cânone crítico universitário pautado por critérios como rigor, elipse, metaironia, metalinguagem”. Contestando o privilégio hegemônico (e portanto, num país e num momento que se quer plural e múltiplo, no mínimo anacrônico) dado à uma poesia de raiz mallarmaica-cabralina-concretista, que se tornou quase uma fórmula neo-parnasiana, jovens poetas como Ana Tereza Salek, Augusto de Guimaraens Cavalcanti e Heyk Pimenta (apenas para citar alguns) resgatam a forte tradição brasileira de uma estética poética mais subjetiva, temporal, imagística e corpórea – mas não menos potente e rigorosa – que passa por nomes como Augusto dos Anjos, Jorge de Lima, Roberto Piva e Cláudio Willer – novamente, apenas para citar alguns.

Uma vez vividos plena e corajosamente, os processos de transformação saturninos revelam-se renascimentos. Novas possibilidades são abertas, caminhos jamais imaginados antes se tornam viáveis e fecundos, o inverno passa, a primavera se abre e uma nova abundante colheita se dá. São esses os meus votos para a poeta de *Dezembro*, e para a poesia brasileira da nova década.

Renato Rezende